

Teoria da Dependência?

ALBERTO OLIVA

FHC
Houve época em que as pessoas se assustavam com a expressão soturna ou a carranca solene de alguns de nossos presidentes. Poucas vezes o sorriso fácil — como o de JK — emoldurou o exercício do Poder Executivo. Com a eleição de FHC parece que teremos nas paredes das repartições a fotografia de um semblante ameno vividamente polidirecionado. Houve época em que as pessoas lamentavam o manifesto despreparo de alguns de nossos supremos mandatários. Ficava-se com a impressão de que tinham chegado ao Catete ou ao Planalto guindados pela aleatoriedade miope do destino ou pela atrabiliária usurpação autoritária. A partir de janeiro experimentaremos o governo de um intelectual. Será que o semblante desanuviado e a inteligência comprovada garantem uma performance político-administrativa superior a de seus antecessores?

É interessante notar que não estamos apenas diante de um político letrado, mas de um professor universitário com uma obra devotada à compreensão de nossa realidade. Por essa razão, é fatal buscar conexões entre a prática política que virá a ter como presidente e seus vários trabalhos sociológicos. Em que medida a orientação que imprimirá a seu governo começou a ser gestada em seus principais livros? Se é verdade que a bomba atômica começou a explodir no Poema de Parmênides, o que pensamos hoje fazer é conse-

quência de uma longa cadeia de opções prático-intelectuais que vimos fazendo ao longo do tempo. Mas poderá meu leitor, avesso as filosofices, me lembrar que a teoria na prática é outra. Diante do nu e cru exercício do poder, continuaria ele a advertir-me, nossas mais caras teorias mudam de identidade, de cor e de cheiro. Deixam a impressão de que tinham sido elaboradas para outro mundo. Há, no entanto, os que se recusam a en-

textos acadêmicos mais conhecidos. Uma vez candidato à Presidência da República, começou a ser alvejado com críticas que insinuavam estar FHC traindo sua própria trajetória intelectual. Passadas as eleições, alguns de seus colegas insistem nesse mesmo ponto: lastimam o fato de estar virando as costas para as principais teses de sua Teoria da Dependência. Reportando-se ao seu livro mais famoso — **Dependência e Desen-**

seus próprios resultados e teorias. Ocorre, porém, que os imperativos da racionalidade só levariam alguém a colocar de lado suas idéias se pudesse contar com outras que se revelassem manifestamente melhores naquela etapa de sua pesquisa. Como ninguém abre mão imotivadamente de suas crenças, só pode estar convencido de que há alternativas superiores ou de que, no frigidar de ovos da prática, pouco lhe será útil. Que um cientista social seja acusado de abandonar **sem razão** uma teoria **por ele elaborada** é uma situação que beira o kafkiano: O que se está com isso dizendo é que ou não há qualquer critério de objetividade na aceitação/rejeição de um resultado nas ciências sociais ou que um de seus respeitados autores teve de fazer malabarismos desfiguradores para conquistar o poder. Como assinou Renato Pompeu no JT, FHC “passou de uma simpatia intelectual pelo socialismo para o atual pragmatismo desenvolvimentista”. Teria passado da Teoria da Dependência para a Independência da Teoria? À luz da experiência histórica mais recente, não terá tido **boas razões**?

FHC TERIA PASSADO DA TEORIA DA DEPENDÊNCIA PARA A INDEPENDÊNCIA DA TEORIA?

dossar esse “rústico pragmatismo” que torna as teorias escravas da prática. Estão convencidos de que não há revolução sem teoria revolucionária. Mudar efetivamente o mundo pressupõe saber as causas de seus males e conhecer a terapia saneadora. Para essas pessoas, a **teoria** é intrinsecamente revolucionária e seus fundamentos não estão sujeitos a relativizações conjunturais. Se não é adotada é porque se abraçou um retrógrada visão equivocada e se é abandonada é porque se pulou para o lado do conservadorismo contra-revolucionário.

Enquanto membro do Poder Legislativo, FHC não foi instado a esclarecer como relacionava sua prática política com seus

volvimento na América Latina, escrito com Enzo Faletto — Emir Sader declara o seguinte: “Para mim, o livro é extremamente atual, mas tudo indica que Fernando Henrique deve achar que está ultrapassado” (**O Globo**, 13/10/94). O interessante é que tal comentário dá ensejo a que se conjecture que FHC estaria lamentavelmente colocando de lado uma Teoria Social que ainda se mantém explicativamente aceitável. A história das ciências sociais é marcada pela endêmica polêmica que contrapõe Escolas com os mais discrepantes pressupostos filosóficos. Mas o inusitado, no caso de FHC, é que se está insinuando que um autor resolveu abandonar prematuramente

O AUTOR
Alberto
Oliva é
professor
de Filosofia
da UFRJ

